

Inventariando acervos: o caso do Fundo Maria Beatriz Nascimento

Wagner Vinhas*

Recebido em 31/07/2021
Aprovado em 19/04/2022

Resumo

Encontrar o conjunto documental de uma intelectual brasileira sob a responsabilidade de uma instituição é gratificante e, ao mesmo tempo, inusitado, porque não é uma prática comum das famílias brasileiras cederem documentos para preservação da memória de pessoas ou grupos. Não são raras as perdas de conjuntos documentais, mas são raríssimas as iniciativas de organização dos acervos com o objetivo de franquear a consulta pública. Portanto, com a intenção de apresentar ao leitor uma organização do Fundo Maria Beatriz Nascimento, organizei o inventário analítico. A ideia surgiu durante a banca de qualificação no doutorado, ao concluirmos que esse conjunto documental teria um valor inestimável para a investigação e para o embasamento do trabalho proposto.

Palavras-chave

Acervo; Fundo Maria Beatriz Nascimento; Inventário; Fontes; Positividades.

Abstract

Finding the documental set of a Brazilian intellectual under the responsibility of an institution is gratifying and, at the same time, unusual, because it is not a common practice of Brazilian families to hand over documents to preserve the memory of people or groups. Losses of document sets are not rare, but initiatives to organize collections with the objective of opening up public consultation are very rare. Therefore, with the intention of introducing the reader to an organization of the Maria Beatriz Nascimento archive, I organized the analytical inventory. The idea arose during the doctoral qualification committee, when we concluded that this set of documents would be invaluable for the investigation and for the support of the proposed work.

Keywords

Collection; Fundo Maria Beatriz Nascimento; Inventory; Sources; Positivities.

* Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), possui doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Organizou o livro intitulado *Estudos Étnicos e Africanos: revisitando questões teóricas e metodológicas*, pela EDUFBA, em 2014. Autor do capítulo “Narrativas em Negociação”, publicado em *Nuances da cultura e expressões identitárias na Bahia*”, pela Eduneb, em 2014, bem como algumas publicações sobre a trajetória de Maria Beatriz Nascimento em revistas acadêmicas (2018; 2019; 2020). É editor-chefe da revista *Artífices* (<http://www.publicacoes.ifba.edu.br/index.php/artifices>).

E-mail para contato: wagnervinhas@ifba.edu.br.

Introdução

O Fundo Maria Beatriz Nascimento, localizado no Arquivo Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, guarda uma variedade de materiais relativos ao percurso pessoal, profissional e intelectual de Beatriz Nascimento: artigos, ensaios, notícias, convites, cartas, memorandos, anotações. Com base nesses documentos, elaborei o Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento. O inventário permitiu perceber que a busca pelos enunciados de um discurso não depende exclusivamente daquilo que foi proferido pelo sujeito enunciatador, mas, também, do que foi enunciado por outras autorias e acontecimentos de ordem totalmente diferente (técnica, econômica, social, política). Por *enunciado*, compreende-se qualquer série de signos, de figuras, grafismos ou traços. Para Foucault,¹ a enunciação sempre ocorrerá quando um conjunto de enunciados for emitido. Portanto, independentemente do aspecto dessa enunciação, ela sempre estará determinada pelas condições reais da sua enunciação.

Maria Beatriz Nascimento nasceu em Aracaju, Sergipe, em 17 de julho de 1942. Nordestina, migrou com a família para o estado do Rio de Janeiro, em 1949. Na capital fluminense, a família se instalou em Cordovil, bairro do subúrbio carioca. A mãe, Rubina Pereira do Nascimento, dona de casa, e o pai, Francisco Xavier do Nascimento, pedreiro, deram uma vida modesta, mas confortável aos filhos. Beatriz Nascimento cursa o primário e o secundário nas escolas públicas da capital, e ingressa no curso de História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1967. Em 1971, finaliza a graduação. Entre 1979 e 1981, cursa especialização em História do Brasil, pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Foi nomeada professora de História da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, em 1984. Inicia o curso de mestrado em Comunicação em 1994, sob a orientação do professor Muniz Sodré, pela UFRJ. A morte prematura, em 1995, interrompe abruptamente a sua vida. Beatriz Nascimento foi assassinada por Antônio Jorge Amorim Viana, vulgo “Danone”, em 28 de janeiro de 1995, com três disparos de arma de fogo em frente à Lanchonete Pasteur, em Botafogo.

Com o propósito de elucidar questões relacionadas à trajetória intelectual de Beatriz Nascimento, optei por trabalhar com dois tipos de fontes: primárias e secundárias. A opção pelas fontes é justificada por aspectos condicionantes do fazer científico e pela natureza do caminho investigativo envolvendo experiências políticas,

acadêmicas, sociais e existenciais. A intenção, ao analisar um conjunto de documentos, não foi simplesmente revelar o passado de uma personagem da história da intelectualidade do Brasil e relacioná-lo aos aspectos relevantes do campo intelectual brasileiro. Com a análise, procurei demonstrar as regras identificadas na verificação das positivities² — textos literários, filosóficos, políticos ou práticas discursivas — com a finalidade de entender a formação de objetos, conceitos e séries de enunciados dos quais emergem as condições favoráveis para um discurso original. Considerando os enunciados como acontecimentos singulares, intencionei demonstrar, por meio da materialidade dos documentos inventariados, quais seriam as condições de sua existência. O meu objetivo central não era fazer uma descrição exaustiva de um conjunto de documentos que valida a memória da personagem, e sim trazer à tona um discurso original cujas regras podem ser demonstradas paralelamente à possibilidade de sua enunciação.

Partindo do *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*, publicado em 2005, é possível dizer que todo documento — impressos, manuscritos, imagens, registros audiovisuais e sonoros — é um suporte com informação registrada e serve, por formar uma unidade, como consulta, estudo ou prova. Tomando como referência Hans-Georg Gadamer³ pode-se dizer que a escolha dos tipos de fonte parte de um diálogo com o objeto de pesquisa, porque cabe a ele boa parte da definição dos caminhos que trilhamos em nossas investigações. Portanto, a inclinação pelas fontes primárias e secundárias é justificada por aspectos condicionantes do fazer científico e pela natureza do caminho investigativo. A escolha pela pesquisa documental e pela revisão bibliográfica tem como objetivo reconstruir um sentido que só pode emergir de maneira contextualizada.

A definição do tipo de pesquisa deve ser orientada por fatores como a natureza do objeto, o problema de pesquisa e a corrente de pensamento que norteia o trabalho de investigação. Nesse intuito, a escolha empreendida precisava estar de acordo com certas regras do fazer científico e com a natureza de um caminho percorrido cuja intenção consiste em dar sentido a uma trajetória intelectual trilhada em experiências políticas, acadêmicas, sociais, existenciais. Por isso, a escolha pela pesquisa documental pareceu uma opção mais adequada dentro de um universo de possibilidades de reconstrução de histórias de vida, pois, além de ajudar a entender o contexto que cerca tal trajetória, também colabora para iluminar o processo de maturação intelectual: ideias e práticas.

O trabalho de pesquisa, quando regulado por procedimentos dialéticos, resulta no relevo de uma influência mútua entre intenções e condições estruturais do fazer humano. A investigação dessas condições objetivas — como supõe uma concepção analítica da pesquisa — ajuda a revelar motivações e impulsos, bem como os efeitos que certas necessidades e consequências de uma vida prática recaem sobre as decisões e as ações da personagem inventariada: escolhas políticas, dilemas existências, dependência econômica, relação de gênero e raça. Portanto, colocar um trabalho investigativo no vasto campo da pesquisa documental também implica aceitar que o uso de fontes primárias tem por objetivo fazer emergir um conjunto de pistas captadas somente quando fazemos leituras em documentos originais. A análise do conteúdo dessas positivities remete às hipóteses que surgem em concomitância com outras leituras e permeadas pelo saber produzido em nossa área de conhecimento. Em outras palavras, raramente partimos de consultas isoladas!

O caminho metodológico pressupõe um processo de investigação — técnicas, etapas e procedimentos — que inclui a organização de categorias para uma análise futura. O pesquisador formula uma pergunta com objetivo de chegar a uma resposta no final do processo. A questão é formulada em função das lacunas no conhecimento e direcionada às fontes para obter informações necessárias para lhe dar uma resposta. O método regula operacionalmente o processo de pesquisa no contexto sistemático da heurística, da crítica e da interpretação. Os desafios relacionados à natureza dessa pesquisa são inúmeros e podem camuflar os problemas existentes na interpretação de fontes primárias. Como afirma Umberto Eco,⁴ a interpretação é indefinida e, por isso, compreende um labirinto onde a busca do significado inatingível leva à aceitação da oscilação e do deslocamento do significado. De acordo com Jörn Rüsen,⁵ o pesquisador sempre correrá o risco de cair no encanto das fontes e acreditar que a história resulta do que conseguiu extrair delas. É claro que somos motivados a abordar as fontes com algumas perguntas possíveis, mas não podemos esquecer que nem sempre encontraremos respostas esperadas.

Destarte, a consciência moderna — enquanto consciência histórica — deve assumir uma posição reflexiva diante do que reverbera como eco do passado e colocá-lo em seu contexto original, refletindo, portanto, o seu significado e o seu valor relativo, ou seja, fazendo uso do que nas Ciências Humanas ficou conhecido como interpretação. O caminho da pesquisa vai além das fontes, não se esgota nelas, por isso, as regras da formação discursiva só podem ser determinadas quando outras positivities imbuídas

da análise interpretativa entram em cena. Sob à luz do entendimento de Rüsen, é possível dizer que a análise das fontes pode ser entendida como o caminho que proporcione ao pesquisador um conhecimento maior, proveniente da própria fonte em união com seu universo intelectual.

A natureza do enunciado atribui um caráter de originalidade a cada contexto em que existe a possibilidade de sua enunciabilidade: “A revelação, jamais acabada, jamais integralmente alcançada do arquivo, forma o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo”.⁶ E dessa forma não estava interessado em esgotar as possibilidades de combinações que eventualmente poderiam emergir da análise das positivities contidas no inventário: artigos, ensaios, notícias, convites, cartas, memorandos, anotações. A definição foucaultiana de arquivo se refere a um sistema geral de formação e de transformação dos enunciados: “(...) a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”.⁷ Essa perspectiva também é defendida por Gadamer quando argumenta que a intenção do conhecimento das Ciências Humanas não é tanto estudar as regularidades, mas as singularidades — a unicidade — de fenômenos que possuem força suficiente para acontecer e permanecer. Essa afirmativa revelaria uma condição pouco explorada na crítica do documento: a impossibilidade de descrever exaustivamente qualquer espécie de arquivo. Dessa maneira, o meu objetivo central não foi fazer uma descrição exaustiva de um conjunto de documentos que validam a memória da personagem e sim trazer à tona um discurso concorrente de nação cujas regras podem ser demonstradas paralelamente à possibilidade de sua enunciação.

Fundo Maria Beatriz Nascimento

Desembarquei na cidade do Rio de Janeiro em 12 de maio de 2012 com a intenção de passar duas semanas no Arquivo Nacional. Nesse período, fotografei quarenta e três envelopes contendo materiais diversos, doados pela família de Beatriz Nascimento. No fim do trabalho, contabilizei cerca de cinco mil registros fotográficos do Fundo Maria Beatriz Nascimento. Concluída essa fase, passei ao exame cuidadoso das cópias digitais e à elaboração de uma ficha de catalogação com as informações a serem analisadas posteriormente. Os elementos catalogados alimentaram um banco de dados com os conteúdos desses documentos. Em linguagem especializada, significa dizer que importei as informações para uma base de dados previamente definida, tendo como objetivo

facilitar as buscas e o cruzamento futuros: periodicidade, tipo de documentos, localidade, autoria. Com esses registros digitalizados, confeccionei o Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento. Conforme o *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*, inventário analítico, ou simplesmente inventário, é um instrumento de pesquisa que descreve, sumariamente ou analiticamente, as unidades de arquivamento de um fundo, ou parte dele, cuja apresentação obedece a uma ordenação lógica que poderá refletir ou não a disposição física dos documentos.

É importante esclarecer que o conjunto de documentos que utilizei partiu, muitas vezes, de um material inédito e não publicado. Em muitos casos, são anotações, esboços, projetos, poemas, roteiros, artigos, capítulos que denotam regularidades e dispersões de um discurso. É igualmente importante registrar que muitas citações presentes no corpo desse trabalho foram retiradas de alocações da conferência “O Quilombo e a Historiografia”, bem como das transcrições de falas registradas durante as gravações do filme-documentário *Ôrí*. Com o objetivo de preservar a originalidade desse material, optei por conservar as falas e as escritas em sua forma original. Por meio dos fragmentos dos textos (poéticos, fílmicos, acadêmicos, políticos), busco traçar o pensamento de uma mulher negra com expressiva importância entre décadas de 1970 e 1990. Portanto, em muitos casos, manuseei textos incompletos, não paginados, sem datação precisa, contendo partes ou fragmentos dos temas trabalhados. Somente por meio de uma análise cuidadosa, foi possível perceber as regularidades e as dispersões de assuntos abordados em diferentes textos ou em diversas versões de um mesmo trabalho.

Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento

O Arquivo Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, guarda o Fundo Maria Beatriz Nascimento. O fundo possui quarenta e três envelopes com documentos de natureza diversa: correspondências pessoais e profissionais, manuscritos, esboços e cópias de artigos de opinião, trabalhos acadêmicos, livros e periódicos, e impressos como folders, programações e convites, além de documentos pessoais. Apenas o envelope contendo os poemas não ficou no Arquivo Nacional, mas sob os cuidados de Bethânia Gomes, filha de Beatriz Nascimento, que organizou, em parceria com Alex Ratts, o livro *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*, lançado em 2015. O acervo iconográfico do documentário *Ôrí* também não está guardado no Arquivo Nacional, mas no Museu do Ipiranga, em São Paulo.

A organização dos envelopes no Arquivo Nacional não segue uma ordem previamente definida em categoria temática, cronológica, autoral. Os documentos estão acomodados sem uma organização que permita a ordenação por qualquer uma dessas categorias. O instrumento de pesquisa disponibilizado pela instituição é uma ferramenta de apoio aos pesquisadores, contudo, está restrito à localização do conteúdo de cada envelope. A necessidade de ordenar o conjunto documental para a análise de dados e dar uma ordem lógica à variedade de documentos motivou a classificação do conteúdo em categorias. Portanto, foi com a intenção de apresentar ao leitor uma organização do Fundo Maria Beatriz Nascimento, que organizei o inventário analítico. Então, com o propósito de exibir um quadro detalhado do acervo, exponho em seguida os pormenores do inventário: classificação e apresentação analítica do conteúdo. Os documentos contidos no arquivo foram organizados em grupos definidos conforme o trabalho de análise e de interpretação.

Classificação

1. Correspondências: a série reúne 279 documentos - ofícios, cartões postais, bilhetes, convites - enviados e recebidos.
2. Documentos pessoais: a série é composta por 65 documentos, como certidões, diplomas, passaporte, carteira profissional, declarações.
3. Produção intelectual: a série possui 200 documentos de autoria de Beatriz Nascimento, sendo esboços, artigos, trabalhos acadêmicos, poemas. A sessão também é composta pela produção intelectual de outros autores e autoras.
4. Livros: a série compõe-se de 40 títulos de livros da biblioteca particular de Beatriz Nascimento.
5. Periódicos: a série possui 15 exemplares de periódicos não acadêmicos.
6. Recortes de jornais: a série contém 32 recortes com notícias, entrevistas.
7. Anotações: a série é composta por estudos, lembretes, diários, em um total de 282 documentos.
8. Impressos: a série reúne *folders*, cartazes, programações, totalizando 153 documentos.

Apresentação analítica do conteúdo

Procuro apresentar ao leitor detalhes dos materiais inventariados e que compõem o Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento. Cada conjunto de

documentos foi igualmente importante para esclarecer um percurso intelectual trilhado por meio de experiências políticas, acadêmicas, sociais, existenciais. Muitas vezes, pequenos fragmentos de textos ou anotações elucidaram aspectos relevantes do trabalho intelectual, profissional e político de Beatriz Nascimento. E neste sentido poderia destacar os detalhes contidos nos diários de campo e relacioná-los com as conclusões de seus estudos sobre o quilombo, bem como sobre as anotações pessoais que revelam peculiaridades em relação ao seu pensamento sobre a mulher negra. Nessa perspectiva, aquilo que normalmente seria considerado irrelevante em uma pesquisa, acabou assumindo, em alguns momentos, lugar privilegiado no esclarecimento de aspectos relacionados aos interesses, aos pontos de vista e às discordâncias intelectuais de nossa personagem. Por fim, organizei os grupos inventariados em tópicos, agrupando as informações em torno do material examinado.

Correspondência

A riqueza desse grupo está na correspondência passiva, uma vez que a comunicação ativa é composta de pouco material. O exame dessa série ajudou a identificar a natureza da rede social e profissional à qual Beatriz Nascimento estava ligada, principalmente o contato com a intelectualidade negra brasileira.⁸ O uso frequente do texto epistolar não deve nos surpreender em uma época permeada pelas tecnologias analógicas. A correspondência servia para a comunicação privada entre pessoas, grupos e organizações e nela circulavam estratégias e táticas para a correlação de forças no campo político e intelectual. A correspondência também nos permite olhar para um momento histórico — entremeado pela censura militar — e identificar as possíveis ligações entre pessoas, grupos e organizações. Possibilita ainda estabelecer conexão entre ideias, lugares e público-alvo. Uma maior atenção sobre esse grupo também pode revelar o trabalho de autores e autoras negros, e de outras classes de intelectuais orgânicos, especialmente aqueles relacionados à causa dos negros na política nacional, nos “novos” movimentos sociais conhecidos como Movimento Negro Brasileiro Contemporâneo e o Movimento Acadêmico Negro.

Em destaque, cito: carta de Gloria Samuels lembrando o Festival Africano em novembro de 1975, em 1975; carta da Égide Editora solicitando um trabalho de sua autoria para compor o “Jornal Mensal” sobre o Quilombo de Jabaguara, em 1978; carta da “Abertura” solicitando um trabalho de sua autoria para compor o próximo número, em 1978; carta de recomendação de Maria de Oliveira Berriel à ICHF/UFRJ para

trabalho de pesquisa histórica etnográfica, em 1978; carta a Erivaldo Freitas (terreiro Mãe-menininha) convidando-o a participar do conjunto Baiafro durante os festejos dos “90 anos da abolição da escravatura”, em 1978; convite da Fundação Nacional Pró-Memória para participar da proposta de criação do Parque Histórico Nacional do Zumbi, em 1980; carta para a Embaixada dos Estados Unidos (Robert M. Sayer) solicitando informações sobre possíveis vagas para afro-brasileiros em escritórios e consulados. Informa que o GTAR se ocupa com atividades acadêmicas na área de estudo das relações raciais no Brasil e junto à comunidade afro-brasileira, em 1980; convite da Fundação Cultural do Estado da Bahia para participar e enviar comunicação para o seminário “Cinema e Descolonização”, em 1980; carta informando o resultado do debate sobre o processo de descolonização cultural, durante o Secneb´81, em 1981; carta da United States International Communication Agency agradecendo a colaboração durante o seminário “O Brasil e os Estados Unidos: além dos estereótipos”, em 1981; carta da Editora Vozes informando o recebimento do manuscrito *Por uma história do homem negro*, em 1982; convite para o Secneb´84, em 1984; carta de agradecimentos pela participação no Secneb´84, em 1984; carta de Beatriz Nascimento congratulando pelo Secneb´84, em 1984; carta agradecendo a participação no curso do IPEAFRO, em 1984; convite para participar da assinatura da Lei Municipal nº 288/84 que institui o 20 de Novembro, o Dia Cabofriense da Cultura Negra, em 1984; convite do Memorial Zumbi para a peregrinação à Serra da Barriga, no Dia da Consciência Negra, em 1984; convite do Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yorubá para participar da mesa de debates sobre viabilidade da criação da Universidade do Negro, pelo Centro de Formação de Líderes, em 1985; carta da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo informando o adiamento da publicação do artigo de Beatriz na revista, em 1985; carta do MNU da Bahia confirmando a agenda de Beatriz em Salvador para falar sobre pontos abordados em sua produção intelectual e visita ao bloco Ilê Ayê. Sugere que solicite a passagem à [Fundação] Pró-Memória ou a Abdias do Nascimento, em 1985; convite para participar do ato público para exigir a saída da Embaixada da África do Sul do território nacional brasileiro, em 1985; convite para participar da mesa “O negro e a educação”, em 1985; carta da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo com sugestões de ajustes para o artigo enviado para publicação, em 1985; convite para participar do encontro “Macumba”, cujo objetivo é discutir temas como samba, carnaval, candomblé, umbanda, identidade, relações raciais, crime, em 1986; carta da SECPLAN solicitando sugestões para o evento realizado no dia 13 de maio, em 1986;

carta da Fespac informando o objetivo do encontro em Dakar: desenvolver uma estratégia da presença na África e no mundo negro em relação a ciência e tecnologia, em 1987; convite para posse do novo grupo de conselheiras da Comissão da Mulher do Conselho Estadual da Condição Feminina, em 1987; convite para participar da “Festa Angola” no Circo Voador pelos doze anos da independência do país, em 1987; carta convite da Secretaria de Estado da Cultura - São Paulo - do II Perfil da Literatura Negra abrindo as comemorações do Centenário da Abolição, tendo como atividade a Exposição de Arte Africana. No evento, temas como “O estereótipo do negro nos meios de comunicação”, “A participação da literatura no processo absolutista”, “A poesia e música popular”, “Literatura e identidade”, “A literatura como forma de resistência”, “Literatura afrodiáspora: pontos de convergência”, “A literatura negra na literatura brasileira”, “Literatura negra: conceitos e caminhos”, em 1987; convite para participar do “II Perfil da Literatura Negra: mostra internacional de São Paulo”, em 1987; carta da Fundação Gregório de Matos em apoio à finalização do documentário *Ôrí*, em 1987; carta da Prefeitura de São Paulo (Secretaria de Cultura) em apoio à finalização do documentário *Ôrí*, em 1987; carta da Embrafilme em apoio à finalização do documentário *Ôrí*, em 1987; convite do Arquivo Nacional para solenidade de comemoração dos 150 anos do órgão, em 1988; convite da OAB para participar do seminário “A mulher negra e o trabalho”, integrando as atividades do Tribunal Winnie Mandela, com objetivo de analisar as barreiras da mulher negra no Brasil, em 1988; convite da OAB para o 3º Seminário Preparatório do Tribunal Winnie Mandela sobre “Reprodução e Dinâmica Demográfica da População Negra”, em 1988; convite da OAB para reunião de encerramento do ciclo de seminários de preparação do Tribunal de Winnie Mandela com o tema: “Mulher Negra e Violência”, em 1988; carta de Maria Lucia de B. Mott sobre um texto enviado por Beatriz sobre o calendário de Mulheres Negras, em 1988; carta da Coalition of Black Business and Professional Women sobre a intenção de organizar um Diretório Internacional de Recursos para Mulheres, com o objetivo de criar uma rede internacional, em 1988; carta de Rosemarie Rocha Cisse de Dakar mandando notícias e comentando as lembranças da família com a passagem rápida, mas significativa de Beatriz pela cidade, durante a realização do Fespac. Comenta a vitória nas eleições de Abdou Diouf, em 1988; convite do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher para escrever um artigo visando as comemorações do Centenário da Abolição, 1988; convite da Comissão de Mulheres Negras do Conselho Estadual da Condição Feminina para participar do livro: *Enfim... nós, escritoras negras*

brasileiras contemporâneas, em 1988; carta de agradecimento por ter colaborado com o calendário de 1988, “As mulheres na luta contra a escravidão”, em 1988; convite do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil para homenagem “Dia Nacional da Mulher”, em 1988; convite para enviar proposta para a Comissão Combate ao Racismo do Conselho Mundial de Igrejas, em 1988; carta de Beatriz Nascimento à Comissão Cultura Afro-Brasileira sobre a minuta do Estatuto da Liga Internacional de Escritores, em 1988; carta do Foret Sacree de La Casamance solicitando apoio para contatar empresas do ramo artístico para uma possível apresentação do grupo de balé no Brasil, em 1988; carta do MNU de Goiás agradecendo a participação de Beatriz na programação do Dia Nacional da Consciência Negra, realizado com a exibição de *Ôrí* e debate com o público presente, em 1989; convite da Prefeitura de São Paulo para participar da “I Jornada do Negro”, dentro do “Projeto Consciência e Liberdade: o negro e a república”, em 1989; convite da Prefeitura de São Paulo para participar das comemorações do “Mês da Consciência Negra”, dentro do “Projeto Consciência e Liberdade: o negro e a república”, em 1989; carta de Luis festejando a premiação de *Ôrí* no Fespac, e convidando-a para que vá a São Paulo comemorar com a equipe, em 1989; convite da Prefeitura de São Paulo para participar da posse da Coordenadoria Especial do Negro, em 1989; convite da UFMG para participar do Seminário Internacional sobre Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo, organizado com o apoio da Fundação Ford, em 1990; convite para participar da comemoração do “Dia da Consciência Negra” junto ao monumento Zumbi dos Palmares, na Praça Onze, em 1990; carta do MNU da Bahia comemorando os 12 anos de luta contra o racismo e convidando para a inauguração da sede própria no Curuzu, em 1990; convite do CEDEPLAR para participar do seminário internacional sobre “Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo”, em 1990; carta ao professor Bruno Silveira (Fundação Emílio Odebrecht) explanando sobre o Projeto Micro-Centro de Informação para a Cooperação no Desenvolvimento Internacional Afro-brasileiro:1990, em 1990; convite da Associação Nacional Casa Dandara para participar do ciclo de palestras dos “500 anos do descobrimento da América”, com a palestra do professor Dr. Ronaldo Vainfas, intitulada “A participação das igrejas cristãs no projeto de colonização e escravidão das Américas”, em 1991; convite da CEPIA para participar do encontro “Mulher, saúde e meio ambiente”, em 1991; convite da Coordenação Especial do Negro - São Paulo para participar da Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, com a participação de entidades ligadas ao movimento negro e às religiões afro-brasileiras, em

1992; carta de Marcella Punzo falando sobre a intenção de organizar uma exibição em Roma do filme-documentário *Ôrí* com a participação de Beatriz e Muniz Sodré, em 1992; convite da Comissão Nacional de Universitários Negros para debater o tema “O papel da universidade na luta contra o racismo”, no seminário sobre “Relações raciais na universidade”, em 1992; convite da Prefeitura de São Paulo para participar do seminário sobre “Discriminação e Políticas”, em 1992; carta de Marcella Punzo comentando a tentativa por parte do Centro de Estudos Brasileiros em Roma organizar um seminário sobre “Cultura e Movimento Negro” com a participação de Beatriz e Muniz Sodré. Comenta a publicação de artigo de sua autoria em uma revista na Itália sobre o candomblé e o crescente interesse sobre o tema no país, em 1992; carta da Prefeitura do Rio de Janeiro com a confirmação da inscrição no II Encontro Latino Americano de Educação, em 1992; convite da Assessoria dos Direitos Humanos para debater no seminário “Modernização das relações de trabalho: a questão das desigualdades raciais”, em 1992; carta de Marcella Punzo falando sobre o lançamento de revista editada por Massimo Canevacci com o artigo da entrevista com Beatriz e Azoilda, bem como de um projeto a ser financiado pela comunidade europeia, em 1993; convite para o seminário “A cidade e suas falas: o Rio em debate”, com a conferência “Comunicação urbana: a polifonia nas grandes cidades” por Massimo Canevacci, em 1993; carta do Centro Cultural Municipal José Bonifácio agradecendo a participação na “Semana Agostinho Neto”, em 1993; convite do CNMB para participar da cerimônia de homenagem às Dez Mulheres do ano de 1993, em 1994; convite da Biblioteca Nacional para a exposição “Para uma História do Negro no Brasil”, com ciclo de palestras sobre o tema e participação de Joel Rufino (“450 anos de resistência do negro à opressão”) e Lélia Gonzalez (“Ser negro no Brasil hoje”), sem data.

O grupo é formado por documentos que incluem cartas, cartões, ofícios, convites. Procurei me deter nas correspondências que Beatriz Nascimento mantinha com intelectuais e instituições, devido à natureza do trabalho investigativo ao qual estou empenhado. Desse agrupamento, gostaria de destacar as correspondências com intelectuais da envergadura de Eduardo de Oliveira e Oliveira (1924-1980), Carlos Hasenbalg (1942-2014), Clóvis Moura (1925-2003) e Jônatas Conceição (1952-2009). Destaco também a comunicação com relevantes instituições da época, como SINBA, IPCN, GTAR, CEAA. Essa coleção demonstra a ascensão da vida pública de Beatriz Nascimento no decurso de sua trajetória intelectual. Não foram localizados registros da comunicação pessoal de Beatriz Nascimento com Lélia Gonzalez e Abdias do

Nascimento, apesar de esse último manter intensa comunicação por intermédio do IPEAFRO.

Como salientei, a minha intenção era poder proporcionar ao leitor detalhes da comunicação de Beatriz Nascimento com importantes nomes da intelectualidade negra de sua época. Inicialmente, analisei a correspondência sobre as organizações de trabalho para um dos encontros da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Nas breves palavras, foi possível inferir algumas das estratégias da intelectualidade negra para lutar contra o silenciamento da questão negra no campo intelectual brasileiro. Na década de 1970, a SBPC havia introduzido os debates próprios das Ciências Sociais e Humanas nos encontros marcados pela crescente oposição aos governos militares. Em 1977, a ditadura militar procura suspender o encontro daquele ano, proibindo duas tentativas consecutivas de realização da 29^a Reunião Anual da SBPC, uma, em Fortaleza, e outra, em São Paulo; somente depois, a PUC/SP cedeu o espaço para a realização do evento.⁹ Em outras correspondências, identifiquei um intenso diálogo sobre a proposição de projetos futuros em que Eduardo de Oliveira e Oliveira se mostra como colega de trabalho.

Entre as cartas, há o registro de um incidente com Eduardo de Oliveira e Oliveira. Tudo indica que o fato esteja ligado a uma possível disputa intelectual. Presumo que Beatriz Nascimento referiu-se em uma das cartas às comemorações da abolição em 1978, quando a proposta era transformar o 13 de Maio em uma data de profundas discussões e denúncias sobre a vulnerabilidade da população negra no país. Em outro trecho da correspondência, ela reivindica um lugar na intelectualidade negra brasileira. Em suas palavras é possível identificar o reconhecimento do seu papel enquanto uma intelectual negra no país. Mais claramente, ela cita, em outro momento, o seu desagrado frente à acusação de Eduardo de Oliveira e Oliveira. Finalmente, Beatriz Nascimento acusa o colega sociólogo do uso indevido de suas ideias. É possível que eles tenham resolvido o impasse e restabelecido contato. Pelo menos, é isso que transparece em trecho do filme-documentário *Ôrí*.¹⁰

Na correspondência com Carlos Alfredo Hasenbalg era mantido o distanciamento característico das relações profissionais. A comunicação era formada por convites, solicitações, ofícios. Não há registro de comunicação direta com Hasenbalg, mas, somente, de perfil institucional. As cartas são datadas da época em que o sociólogo esteve à frente da coordenação do CEAA. Nas correspondências foi possível observar um contínuo interesse nos trabalhos de Beatriz Nascimento. Isso pode ser verificado nos

inúmeros convites para participar ou proferir palestra sobre temas relacionados à negritude, ao racismo, ao quilombo, à história do negro. Entre elas quero destacar: convite para participar do 5º Encontro Macumba, com a participação do sociólogo Julio Cesar Tavares, em 1987; convite do CEAA para participar do 10º Encontro Macumba com a participação de Eduardo Silva da Fundação Casa de Rui Barbosa, em 1987; convite para participar do conselho consecutivo da revista *Estudos Afro-Asiáticos* organizada pelo CEAA, em 1987; convite do CEAA e do GTAR para o 8º Encontro Macumba, com a participação do diretor do Bloco Olodum apresentando o trabalho “Ação cultural como fator de conscientização da comunidade afro-baiana”, em 1987; convite do CEAA para participar do 10º Encontro Macumba com a participação de Eduardo Silva da Fundação Casa de Rui Barbosa, em 1987; convite do CEAA para o 11º Encontro Macumba com a participação de Nelson do Vale Silva, com o trabalho “Distância social e casamento inter-racial no Brasil”, em 1988; convite para a 14º Encontro Macumba com a participação do economista Carlos Vainer, apresentando o trabalho “Estado e raça: reflexões sobre a administração de um laboratório racial”, em 1988; convite do CEAA para 15º Encontro Macumba com a participação do antropólogo Carlos Alberto Messeder Pereira, apresentando o trabalho “Pagode: um espaço de problematização do samba”, em 1988; convite do CEAA para participar do guia *Fontes para a História da África*, em 1988; convite do CEAA para participar da 17º Encontro Macumba com a participação do professor Beto Mussa, apresentando o trabalho “Arte poética do escravo negro”, em 1989; convite do CEAA para participar da 18º Encontro Macumba com a participação de Vera Figueira, apresentando o trabalho “O preconceito racial na escola”, em 1989; convite do CEAA e IFCS/UFRJ para participar do 20º Encontro Macumba com a participação do antropólogo Hermano Vianna com o trabalho “Metrópoles africanas e modernidade: algumas impressões de viagem”, em 1989; convite do CEAA para participar da palestra de Moema De Poli Teixeira Pacheco, intitulada “Raça e crime: uma leitura do censo penitenciário do Rio de Janeiro”, em 1993; convite do CEAA para participar da palestra da professora Sheila S. de Castro Faria, intitulada “Casamento e desigualdade: Rio de Janeiro séc. XVIII”, em 1994; convite do CEAA para participar da palestra da Dra. Barbara Carter, com o tema “Os afro-americanos e as relações raciais nos Estados Unidos”, em 1994.

Com Jônatas Conceição, mantinha uma correspondência em tom fraternal, repleta de termos afetuosos. Entre elas desataco: carta de Jônatas Conceição enviando o texto de apresentação no I Encontro de Escritores Negros, em 1985; carta de Jônatas

Conceição informando a sua ida ao Rio de Janeiro para participar do II Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros, em 1986; carta de Jônatas Conceição informando sobre a publicação de *Outras miragens* e solicitando que Beatriz faça a apresentação. Solicita confirmação do aceite para encaminhar os materiais, em 1988. O amigo e poeta escrevia demonstrando certa intimidade. Mesmo se tratando de assuntos de trabalho, o tom amigável era mantido. O livro a que me refiro é *Outras miragens: miragem de engenho*, uma coletânea de poemas inéditos, cuja apresentação Beatriz Nascimento foi convidada a escrever.

Em outra série de correspondências, encontrei as cartas de Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. É possível constatar que, entre eles, havia, além de uma relação profissional, um sentimento de amizade.

O grupo inventariado também permite identificar a relação de Beatriz Nascimento com as instituições de fomento intelectual, como a Fundação Abdias do Nascimento, a Fundação Léopold Sédar Senghor, o IPEAFRO e o GTAR. Há também correspondências trocadas com a Fundação Ford, no período em que ela recebeu financiamento para a pesquisa que resultou na elaboração do relatório “Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros: dos quilombos às favelas”. Existem cartas e ofícios que revelam a intensa comunicação com o CEAA durante vários anos. Com a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, foram tratadas questões relacionadas à vida profissional de Beatriz Nascimento como professora da rede estadual de educação. Nesse conjunto quero colocar em destaque: carta da Fundação Ford lembrando o prazo excedido da entrega do relatório final, solicitando informações sobre possíveis atrasos e necessidade de prorrogação de prazo, 1980; carta de Beatriz Nascimento à Fundação Ford sobre as razões do atraso para entrega do relatório final (curso de mestrado, dificuldade de integrar os procedimentos metodológicos à escrita final e retorno a campo para última coleta de dados), em 1980; convite do GTAR para participar do “Painel Quilombo: raiz da liberdade”, em 1987; convite da Fundação Nacional Pró-memória para participar da proposta de criação do Parque Histórico Nacional do Zumbi, em 1980; carta agradecendo a participação no curso do IPEAFRO, em 1984; convite do GTAR para, na 10^a Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, participar da mesa “Quilombo urbanos: dez anos depois”, em 1984; convite do GTAR para participar da 11^a Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, com o tema “A arte negra: cultura e resistência”, em 1985; carta de Elisa Larkin Nascimento informando o envio

do projeto de publicação dos livros da série Sankofona e solicitando o complemento do seu ensaio, sem data.

Há correspondências de cunho político, das quais destaco a comunicação com os gabinetes de Jurema Batista e de Carlos Alberto Oliveira, o Caó.¹¹ Em destaque enumero: carta do gabinete de Jurema Batista promovendo sessão solene para comemorar o Dia Mundial da Dignidade e Orgulho Gay, em 1994; carta de Caó denunciando os ataques sistemáticos da Rede Globo de Televisão, em 1987; carta de Caó encaminhando o pronunciamento na Assembleia Nacional Constituinte, com o discurso contra a campanha de difamação da Rede Globo, em 1987.

A correspondência pessoal de Beatriz Nascimento demonstra uma longa e contínua relação com intelectuais e militantes fora e dentro do país. Entre elas, gostaria de destacar as cartas com Michael Brooks e Carol Cooper: carta de Michael Brooks falando sobre ter conhecido Carol Cooper em Salvador/BA, em 1976; carta de Michael Brooks com exemplar da revista *Essence*, com artigo de Carol Cooper (a carta foi escrita antes de Beatriz e Carol terem se conhecido, dando sinais de possíveis interesses em comum), em 1976; carta de Carol Cooper enviando notícias sobre a vida nos Estados Unidos, informando o trabalho no journal *Village Voice*, comentando questões de política internacional, o estímulo do governo estadunidense em negócios com empresas brasileiras, o visível trânsito de brasileiros no país para fazer turismo, estudar e trabalhar, em 1980; carta de Carol Cooper falando sobre os planos da participação de Beatriz Nascimento nos seminários de verão da Cornell University sobre o desenvolvimento das sociedades quilombolas diaspóricas (informa a realização de uma série de conferências no Brasil na qual contam a sua participação), sem data; carta de Carol Cooper falando sobre Jimmy Carter ser o próximo presidente dos Estados Unidos, e o receio de suas ideias com relação a população negra (fala das danças e do corpo negro, exprime preocupação com a segurança de Beatriz, pede uma visita e que aprenda inglês), sem data; carta de Carol Cooper dando pêsames à família pela morte de Beatriz Nascimento, em 1995. Com a socióloga e cineasta Raquel Gerber correspondeu-se durante todo o período em que estiveram à frente da produção do filme-documentário *Ôrí*. As cartas e os bilhetes demonstram a evolução e o processo de montagem do longa-metragem.

Documentos pessoais

Por intermédio desse grupo, foi possível confirmar uma série de acontecimentos na vida de Beatriz Nascimento: a graduação em História pela UFRJ, o trabalho como assistente de pesquisa na Fundação Getúlio Vargas (FGV), os vistos de entrada nos continentes africano e europeu.

Em resumo, Beatriz Nascimento se graduou em História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1971. Ao consultar documentos de matrículas e de conclusão de curso, ficamos a par da conclusão da especialização em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1981; e da aprovação na seleção de mestrado em 1980, sem, no entanto, haver concluído o curso. Voltou a cursar a pós-graduação na década seguinte, em 1993, sob a orientação do professor Muniz Sodré, mas uma fatalidade interrompeu prematuramente a sua trajetória intelectual sem concluir a qualificação. Entre os trabalhos registrados na carteira profissional e no *curriculum vitae*, consta, como primeiro registro profissional, a função de pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 1977; pela Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social, desempenhou a função de documentarista, em 1981; foi professora do magistério, no Rio de Janeiro, pela Secretaria de Estado de Administração, entrando para o quadro em 1984. No *curriculum* ainda constam a participação na organização das semanas de “Estudo da Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira”, pelo GTAR; o filme-documentário produzido com Raquel Gerber; a participação em seminário, na Universidade de São Paulo (USP), organizado por Eduardo de Oliveira e Oliveira.

Os registros nos passaportes indicam viagens ao continente africano, com visto da República Popular de Angola, assim como visitas ao continente europeu, com entrada na Espanha, França, Alemanha e em Portugal. No continente sul-americano, consta o desembarque na Venezuela (não fica claro se foi uma conexão). Por meio desse tipo de registro, podemos inferir que a rede de relações de Beatriz Nascimento cresce na mesma proporção em que aumentam as viagens pelo Brasil e fora dele. Chamo a atenção para o fato de que, depois da finalização do filme-documentário *Ôrí*, a historiadora recebeu vários convites para participar de encontros intelectuais, em alguns casos com a presença de Raquel Gerber. O filme também foi exibido em festivais e encontros sem a presença das produtoras.

Produção Intelectual

Beatriz Nascimento possui uma vasta produção escrita. Entre os documentos, encontrei textos acadêmicos e políticos, artigos de opinião, esboços, poemas, roteiros cinematográficos. A produção intelectual é composta por temas relacionados à história do negro e, em especial, ao fenômeno do quilombo, à questão do racismo e à problemática da mulher negra. O eixo de condução de sua produção intelectual foi sem dúvida o quilombo: organização, resistência e protagonismo negro. No conceito de quilombo, estão intrínsecas reflexões sobre território, corporeidade, mulher negra, que assumem uma dimensão cada vez mais simbólica e significativa da identidade negra no Brasil. Na expressiva produção intelectual, destacam-se “Por uma história do homem negro”, *Revista de Cultura Vozes*, em 1974; “Negro e racismo”, na *Revista de Cultura Vozes*, em 1974; “Culturalismo e contracultura”, ICHF-UFF, em 1976; “A mulher negra no mercado de trabalho”, jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976; “O Quilombo do Jabaquara”, na *Revista de Cultura Vozes*, em 1979; “Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso”, na *Estudos Afro-Asiáticos*, em 1982; *Maria Beatriz Nascimento: pesquisadora, 29 anos*, Record, em 1982; “O conceito de quilombo e a resistência cultural negra”, *Afrodíaspóra*, em 1985; “A mulher negra e o amor”, no jornal *Maioria Falante*, nº 17, fev.-mar., p. 3, 1990.

Finalmente, é preciso contabilizar as produções poéticas sobre a negritude e a mulher negra. Beatriz Nascimento escreveu em torno de mil poemas. Como mencionei anteriormente, Bethania Gomes, filha da historiadora, e o professor Alex Ratts publicaram um número expressivo de poemas inéditos: “Reflete no escuro do teu corpo” e “Papai tu morreste e sabes?”, de 1983; “Quero escrever um conto” e “Rocio”, de 1984; “Urgência (Zumbi)”, de 1984/1985; “Urgência II (Quilombo dos Palmares)”, “Poema Sinfônico Nº 1”, “Luci”, “Argonauta” e “Reflexões”, de 1985; “Paciência”, “Radicalismo”, “Interferências”, “Marúcia”, “Búzios”, “Lençóis”, “Luna”, “Cruz (Primeiro Nome)” e “Marcas”, de 1986; “Máscara”, “Absurdo”, “Sol e Blues”, “Surto final/Estação terminal”, “Dias de vigília”, “Agridoce”, “Rotas”, “Querer bem”, “Transgressão”, “Ilha de Vera”, “Professor”, “Noite de autógrafos”, “Prima filha”, “Quem me levaria a pensar”, “Memória”, “Inusitado”, “Ancestres” e “Mediocridade”, de 1987; “Várzea das Flores”, “Insegurança”, “Lanço-me no espaço”, “Imago”, “Mar”, “Mais uma vez saudade” e “Aeroporto”, de 1988; “Black Soul”, de 1989; “Anti-racismo”, “Slavers”, “Baby te amo”, “Invocação a Zumbi dos Palmares”, “Tudo isso

não resgata a dor”, “Até ontem e amanhã” e “Nascimento”, de 1990; “Odisséia - Ano 2001”, de 1991.

Se partirmos da afirmação lejeuneana de que a autobiografia é um relato retrospectivo de uma pessoa sobre sua própria existência, com ênfase na vida pessoal, então, seria possível argumentar que os textos do filme-documentário *Ôrí* podem ser considerados uma espécie de autobiografia de Beatriz Nascimento. Portanto, não seria absurdo dizer que o tom confessional presente em certos momentos do longa-metragem também estaria próximo do tipo de relato encontrado na obra agostiniana “Confissões”. O filme-documentário transcorre com a narradora compartilhando experiências e reflexões, em meio a sentimentos, olhares e vivências, como mulher, negra, nordestina e, acima de tudo, como intelectual que teve a coragem de desafiar as subjetividades do convívio com a família, a escola, a universidade e a militância.

O relato da nossa personagem se confunde com a vivência do exílio negro e com a perda da imagem social. O discurso sobre o quilombo — transformado em ponto de partida para a reconstrução mítica da memória social de um povo — revelaria a busca pela liberdade confiscada e pela imagem roubada. Esse processo dá-se contemporaneamente na representação social promovida por escolas de samba, terreiros de candomblé, bailes negros, evocação libertária da Serra da Barriga, imagens do corpo negro. A centralidade poética do documentário está no quilombo mítico, ou seja, na transposição do sentido histórico que chegou aos dias atuais na forma de núcleos negros, como também do corpo negro que revelaria, simultaneamente, a presença da escravidão e da resistência a ela, por meio de performances, adereços, pinturas, cabelos. O corpo seria o território, o quilombo, aquilo que supostamente qualquer pessoa teria sob seu domínio. *Ôrí* narra a busca de Beatriz Nascimento por seu corpo, sua imagem, seu território, seu quilombo. É a procura auto referenciada, a libertação dos estigmas e da negrura no sentido fanoniano.

Há também no grupo produções de outras autorias que mostram o interesse de Beatriz Nascimento por temas como feminismo e mulher negra, movimento negro e racismo. É possível verificar quais eram as ideias que estavam circulando e de que maneira essas produções intelectuais dialogavam com sua visão sobre esses temas. O grupo ainda permite mapear quais as estratégias e táticas da formação de um público interessado na temática negra que buscava interlocução com questões vivenciadas cotidianamente. Na produção intelectual de outras autorias, foi possível inferir uma estratégia de “doutrinação” envolvendo temas, pessoas e instituições que estavam a

cargo de um trabalho feito pelo ressurgimento do movimento negro e da ação coletiva de mulheres negras. Outro desdobramento possível do trabalho que estou empreendendo pode ser construir um mapa conceitual das ideias que circulavam na época, como forma de evidenciar a produção vinculada ao que chamamos de estudos das relações étnico-raciais.

Livros

O grupo reúne os títulos da biblioteca particular de Beatriz Nascimento. O acervo é composto por livros de literatura, poesia, história, antropologia, filosofia, sociologia, entre outros. Trata-se de uma biblioteca eclética, mas com maior concentração de livros da área de História e de temática negra. É possível argumentar que a manutenção de um conjunto de títulos e exemplares é parte da vida intelectual e a ele se recorre no processo de construção intelectual. Há obras que gozam de tal prestígio que fazem parte de um número expressivo de estantes como leituras essenciais de temas específicos. Na lista estão: *Adonis e o alfabeto*, de Aldous Huxley; *Fogo do olhar*, de Abilio Ferreira; *A mina de ouro*, de Agatha Christie; *Como vejo o mundo*, de Albert Einstein; *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, de Albert Memmi; *Negras raízes*, de Alex Haley; *A Filosofia através dos textos*, de Alexandre Caballero; *Chama da esperança*, de Alice Cardoso Lucio; *Obras completas de Fernando Pessoa*, de Álvaro de Campos; *Confronto*, de Alzemiرو Lidio Vieira; *Nada será como antes: MPB nos anos 70*, de Ana Maria Bahiana; *Cultura e opulência do Aparício Fernandes*; *Terramara*, de Arnaldo Xavier; *Manual de sobrevivência do negro no Brasil*, de Arnaldo Xavier & Maurício Pestana; *O fundador do caraça*, de Augusto de Lima Junior; *Um socialista anti-social*, de Bernard Shaw; *O Brasil republicano: estrutura de poder e economia*, de Boris Fausto; *O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*, de Boris Fausto; *Obras completas*, de Carlos Drummond de Andrade; *Dossier Deleuze*, de Carlos Henrique de Escobar; *Identidade e etnia*, de Carlos Rodrigues Brandão; *Viagem de um naturalista ao redor do mundo* (vol. 1), de Charles R. Darwin; *Fundamentos da teoria dos signos*, de Charles W. Morris; *Relações perigosas*, de Choderlos de Laclos; *Os métodos da História*, de Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Perez Brignoli; *Felicidade clandestina* (2^a ed.), de Clarice Lispector; *Planejamento de ensino e avaliação* (10^a ed.), de Claudia Maria Godoy Turra, Délcia Enricone, Flávia Maria Sant'Anna e Lenir Cancellata André; *Cartas do conde ao rei de Portugal*, de Conde de Assumar; *Os últimos sonetos*, de Cruz e Souza; *Pode acontecer*,

de Dario Gomes Ribeiro; *Dionísio esfacelado*, de Domício Proença Filho; *A vingança da mata*, de Edgar da Rocha Miranda; *Emoções no divã*, de Eduardo Mascarenhas; *Curetagem: poemas doloridos*, de Éle Semog; *Atos de amor*, de Elia Kazan; *Sankofa. Resgate da cultura afro-brasileira* (vols. 1 e 2), de Elisa Larkin Nascimento; *Capitalismo e escravidão*, de Eric Williams; *Escrevo o que eu quero*, de Esteve Biko; *As três ecologias*, de Félix Guattari; *Micropolítica: cartografias do desejo*, de Félix Guattari e Suely Rolnik; *Manifesto democrático*, de Ferdinand Peroutka; *Entradas e Bandeiras*, de Fernando Gabeira; *O adolescente*, de Fiódor Dostoiévski; *O negro no mundo dos brancos*, de Florestan Fernandes; *História do Brasil*, de Francisco de Assis Silva e Pedro Ivo de Assis Bastos; *Logos e práxis*, de François Chatelet; *A genealogia da moral*, de Friedrich Nietzsche; *Leite do peito*, de Geni Guimarães; *Introdução à filosofia da educação*, de George F. Kneller; *Coronel Delmiro Gouveia*, de Geraldo Sarno e Orlando Senna; *Juliano*, de Gore Vidal; *Costiera Amalfitana*, de Gore Vidal e Muir Wessinger; *Caetés*, de Graciliano Ramos; *Cabeça de turco*, de Günter Wallraff; *História da América Latina*, de Halperin Donghi; *Negros na noite*, de Henrique Cunha Jr.; *Materialismo histórico e existência*, de Herbert Marcuse; *Demian*, de Hermann Hesse; *Sistema educacional brasileiro: legislação e estrutura*, de Iale Renan e Ricamar P. de Brito Fernandes; *O vôo mais baixo*, de Irene P. Machado; *O escravismo colonial*, de Jacob Gorender; *Cativeiro e liberdade*, de Jaime da Silva, Patricia Birman, Regina Wanderley; *Teclas do ébano*, de Jamu Minka; *Manual de Sociologia*. 3ª ed. , de Jay Rumney Maier e Joseph; *O testamento de Sartre*, de Jean Paul Sartre; *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*, de Jeanne Berrance de Castro; *Novos roteiros em educação*, de Jiddu Krishnamurti; *Tutaméia: terceiras estórias*, de João Guimarães Rosa; *Zumbi*, de Joel Rufino dos Santos; *10 dias que abalaram o mundo*, de John Reed; *O destino viaja de ônibus*, de John Steinbeck; *Miragem do engenho*, de Jônatas Conceição; *Outras miragens: miragem de engenho*, de Jônatas Conceição; *Outras miragens (manuscrito)*, de Jônatas Conceição; *Rua J. Carlos*, de Jorge Salles; *Os eguns do candomblé*, de José Alberto Varanda; *E disse o velho militante*, de José Correia Leite; *Flor de sangue*, de José Eustáquio Rodrigues; *Teoria da História do Brasil*, de José Honório Rodrigues; *Independência: revolução, e contrarrevolução*, de José Honório Rodrigues; *O parlamento e a evolução nacional*, de José Honório Rodrigues, Lêda Boechat e Octaciano Nogueira; *Etnias e culturas de Angola*, de José Redinha; *Os nagôs e a morte*, de Juana Elbein dos Santos; *O capital: livro I*, de Karl Marx; *O paradigma holográfico e outros paradoxos*, de Ken Wilber et al.; *A África deve unir-se*,

de Kwame Nkrumah; *Temas de Ciências Humanas*, de Lenin, Lukács; *La société humaine*, de Léon Sharwatzenberg; *A carta de Pero Vaz de Caminha*, de Leonardo Arroyo; *Cultura das cidades*, de Lewis Mumford; *O portão vermelho*, de Lin Yutang; *Norte*, de Louis-Ferdinand Céline; *O lugar do negro na força de trabalho*, de Lucia Elena Garcia de Oliveira, Rosa Maria Porcaro e Tereza Cristina N. Araújo; *O golpe na educação*, de Luiz Antônio Cunha e Moacyr de Góes; *Pedaços de coração*, de Luiz de Melo Santos; *O homem dos dados*, de Luke Rhinehart; *Identidade negra e educação*, de Marco Aurélio Luz (Org); *A obra em negro*, de Marguerite Yourcenar; *Meus Versos*, de Maria Antonia Carneiro Agarez; *O messianismo no Brasil*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; *Os conceitos elementares do materialismo histórico*, de Marta Harnecker; *Escravidão africana no Brasil*, de Mauricio Goulart; *Black History*, de Melvin Drimmer; *Black History: a reappraisal*, de Melvin Drimmer; *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault; *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera; *Miles Davis: a autobiografia*, de Miles Davis; *Ideologia do desenvolvimento: Brasil JK-JQ*, de Mirian Limoeiro Cardoso; *O monopólio da fala*, de Muniz Sodré; *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*, de Muniz Sodré; *O terreiro e a cidade*, de Muniz Sodré; *O bicho que chegou a feira*, de Muniz Sodré; *Bola da vez*, de Muniz Sodré; *A capoeira*, de Nestor Capoeira; *An American dream*, de Norman Mailer; *História universal: Roma*, de O. Secco Ellauri e Pedro D. Baridon; *A geografia ativa*, de P. George, R. Guglielmo, B. Kayser e Y. Lacoste; *Os holandeses no Brasil*, de P. M. Netscher; *A cultura da cidade*, de Patrik Geddes; *Africa and Africans*, de Paul Bohannan e Philip Bohannan; *História da Educação*, de Paul Monroe; *Guerra e cinema*, de Paul Virilio; *O espaço crítico*, de Paul Virílio; *Antologia contemporânea da poesia negra brasileira*, de Paulo Colina; *Os quilombos brasileiros*, de Pedro Tomas Pereira; *Conquête et exploitation des nouveaux mondes*, de Pierre Chaunu; *Asia/Africa/Middle East*, de Princeton University; *Die Geschichte*, de Regine Hillman & Ivan Ferraro; *The urban development of Latin America*, de Richard M. Morse; *Identidade, etnia e estrutura social*, de Roberto Cardoso de Oliveira; *Carnavais, malandros e heróis*, de Roberto da Matta; *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravistas no Brasil Colonial*, de Ronaldo Vainfas; *Estrutura e funcionamento do ensino de I grau*, de Samuel Rocha Barros; *An anthropological approach*, de Sidney W. Mintz e Richard Price; *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14), de Sigmund Freud; *Tempos de Capanema*, de Simon Schwartzman; Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro; *Moçambique: primeiras chamadas*, de Sonia Corrêa e Eduardo

Homem; *Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*, de Sonia Maria Giacomini; *André Rebouças e seu tempo*, de Sydney M. G. dos Santos; *Melanina*, de Terezinha Malaquias; *All God's dangers: the life of Nate Shaw*, de Theodore Rosengarten; *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, de Thomas E. Skidmore; *Doutor Fausto*, de Thomas Mann; *Das lutas à paz*, de Trigueirinho; *Niskalkat: uma mensagem para os tempos de emergência*, de Trigueirinho; *Reencontro Cruz e Souza*, de Uelinton Farias Alves; *Viagem na irrealidade cotidiana*, de Umberto Eco; *Eros*, de Vanêde Nobre; *Manual de História do Brasil*, de Vicente Tapajós; *Caminhos e pontes*, de Vilma Kruse; *Quarto de Jacob*, de Virginia Woolf; *Sociologia da Arte*, de Walter Benjamin, Teodoro Adorno e Lucien Goldmann; *As confissões de Nat Turner*, de William Styron.

Periódicos

Aqui tivemos a oportunidade de examinar um conjunto de produções não acadêmicas, mas nem por isso menos relevantes. O grupo se compõe de críticas que possivelmente só poderiam ser publicadas fora dos meios de comunicação hegemônicos (editoras renomadas, grandes mídias e impressos de circulação nacional). Portanto, uma série de textos foram lançados por coletivos, como *Jornal MNU*, *Jornal Maioria Falante*, *Jornal Olodum*, *Tribuna de Xangô*, *Black People*, *The Other Side*, *SoulFunk*. É interessante perceber o esforço de incorporar outras referências, com intuito de escapar do olhar euro-centrado que perpetua um ponto de vista histórico e uma geopolítica do conhecimento específica. Na lista também temos: revista *José*; jornal *O Correio Unesco*; jornal *Le Soleil*; *Boletim do Centenário*; *Jornal Maioria Falante*; *Suplemento 100 anos de Abolição: o negro hoje*; revista *Arrabalde*, ano I, nº 2, set./dez. 1988; caderno *O Negro: uma identidade em construção*; jornal *Atualidade Angolana*; jornal *Movimentação*; jornal *Dawn Informs*; *Jornal do MNU*, nº 20; *Revista Prisma*; *Boletim informativo O Mondo*; *Boletim da Coordenadoria Especial do Negro*; *Jornal AfroReggae*, ano I, nº 1; *O diário de umas e outras meninas*; *Jornal da ASUFRJ*; jornal *Paparazzi*; jornal *El Pais*; *Jornal da UFRJ*; *Caderno CEPIA*; *Jornal AfroReggae*, ano I, nº 8; *Poder Popular*; *Jornal do Olodum*; jornal *Mergulho*; *Revista do Órgão da Participação Universalista pelo Renascimento Humano*; *Jornal do MNU: Nêgo*, nº 12; *Jornal do MNU: Nêgo*, nº 14; revista *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 13; *Caderno A Mulher e a Cultura*; *Caderno A Mulher e o Planejamento Familiar*; *Caderno Temas Sociais - CBCISS*; *Caderno A Trajetória da Mulher na UFMG*; *Caderno Estudos Cebrap*, nº 17;

Caderno II; Derê Bô: Revista do Órgão da Participação Universalista pelo Renascimento Humano; Cadernos Negros 14: contos; revista Diálogo; Cadernos Negros; Suplemento Brasil: a mulher e a crise do Terceiro Mundo; O discurso da diferença e da subordinação; revista Black People; jornal Mergulho; revista The Other Side; Jornal MNU; jornal SoulFunk; jornal Tribuna de Xangô; A mulher e a constituinte.

Recortes de jornais

O grupo é composto por recortes e fragmentos de notícias jornalísticas sobre temáticas e assuntos do interesse de Beatriz Nascimento: temática negra e quilombo. Foram identificadas matérias contendo as opiniões de pesquisadores, políticos e ativistas, bem como a cobertura da vida de personalidades negras dentro e fora do Brasil. Há também a cobertura da morte de Beatriz Nascimento: notificação, investigação, sepultamento, julgamento e repercussão nos setores da sociedade civil. Portanto, por meio desse grupo, foi possível verificar a tensão sobre o acontecimento fatídico na vida de uma intelectual negra no Brasil; os movimentos negros denunciam a morte da militante negra como mais um caso de genocídio do povo negro, e os movimentos de mulheres, os assassinatos brutais de indivíduos do sexo feminino — o feminicídio.

Anotações

O conteúdo desse grupo ajuda a acompanhar os estudos e os interesses de Beatriz Nascimento: reflexões sobre temas recorrentes da produção intelectual e atuação profissional. Esse universo de informações ainda abrange as anotações como aluna de pós-graduação nas conferências e nos seminários que em que esteve presente. Existem, sobretudo, muitos rascunhos envolvendo a temática do quilombo, do negro e da mulher negra. Constam muitas anotações da pesquisa de campo no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Angola. Mas, acima de tudo, a série revela o lado pessoal da vida de Beatriz Nascimento: conflitos, alegrias, decepções, dilemas, dramas existenciais, questões amorosas e profissionais. Revela a preocupação com a educação da filha, o bem-estar da família e a aparência física. Em síntese, as anotações revelam muito sobre a condição da mulher negra vivendo na cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1970 a 1990.

Seria possível inferir que tais registros implicam anotações analíticas, poéticas, intimistas, mas, acima de tudo, revelam uma mulher preocupada com a filha, os amigos

e os amores. O material contido no grupo deixa transparecer um fenômeno cada vez mais acentuado depois da década de 1950: a individualidade moderna. Esse fenômeno parece pesar sobre os ombros de Beatriz Nascimento, na medida em que evidencia um tempo cada vez mais escasso para se estar com outros. Finalmente, fazendo um paralelo das anotações com os ensaios e os artigos sobre a mulher negra, encontramos sinais de um drama vivido por mulheres que se lançaram na vida intelectual: a relativa solidão do percurso intelectual. Uma das riquezas desse grupo consiste nos diários de campo, com o qual elucidei alguns aspectos dos estudos e das pesquisas empreendidos pela Beatriz Nascimento.

Impressos

Do mesmo modo que a correspondência privada entre pessoas, grupos e organizações servia para construir estratégias e táticas, a comunicação pública de organizações, como MNU, GTAR, IPEAFRO, CEAA, teria a mesma finalidade. O material é composto por cartazes, *folders*, programações, boletins, cujo conteúdo é uma amostra da gama de temas que circulavam no campo intelectual e político naqueles anos. Nesse conjunto gostaria de destacar: “Manifesto ainda que tardio” (exposição na Bahia, Rio, São Paulo e Brasília); 6ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira; I Semana de Cultura Negra; Semana Alternativa para Estudo de Comunidade. Programação com temas variados; 6ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, organizado pelo Grupo de Trabalho André Rebouças; SECNEB/81. Programação; CEAA: perfil institucional e histórico (autoria de José Maria Nunes Pereira); “Novo compromisso com as caraíbas” (programa do presidente Ronald Reagan); Boletim da Coordenadoria Especial do Negro, nº 6, que divulga o seminário “Discriminação e Políticas Públicas”; encarte da exposição de Meyer Filho; 8ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira; “Periódicos Bibliográficos sobre a África Existentes no Centro de Estudos Africanos”, de Izabel Cristina Renófilo Oliveira; evento SECNEB/84 (programação: seminário “Identidade, Processo Econômico, Relações Sociais e Pluralidade Nacional” (exposição e sessão especial: a) vídeo da comunidade Oba-Biyí; b) lançamento do livro *História de um terreiro*, de Deoscoredes Maximiliano dos Santos; c) lançamento do disco *Evolução*, de Djalma Correia. Palestras: “A expansão mercantilista europeia”; “O negro e a sociedade brasileira”); Lembra os sambas-enredo e convida para o lançamento do enredo de 1985. Cita Maria Augusta Rodrigues, Billy

Acioly e Eduardo de Almeida Filho. No samba enredo, há trechos da música *Que bloco é esse?*, do Ilê Aiyê; 10^a Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira; 10^a Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira (programação: a) “A educação no Brasil”; b) “O negro na fotografia”; c) “A representação do negro nos meios de comunicação social”); informe da Câmara dos Deputados, com o pronunciamento integral do deputado Freitas Nobre, sobre o tombamento do Quilombo dos Palmares; “Conscientização da cultura afro-brasileira” (programação: a) Abertura com Abdias do Nascimento, diretor do IPEAFRO; b) “História do negro no Brasil”; c) “Cultura, religião e identidade nacional”; d) “Mulher e cultura afro-brasileira”; e) “Simbologia nagô na cultura afro-brasileira”); programação dos 10 anos do GTAR; 11^a Semana de Estudos sobre a contribuição do negro na formação social brasileira (programação: a) “O negro no mercado de trabalho”; b) “Como usar a realidade do educando na aprendizagem”; c) “O negro no sistema educacional brasileiro”; d) “Arte negra”; e) “Identidade e padrão de beleza”; f) “O papel da mulher na história do Brasil”); propaganda política de Caó/86 (Carlos Alberto Oliveira); Reavaliando dois centenários (programação: a) “O escravismo e a abolição no Brasil”; b) “O tráfico de escravos”; c) “A Inglaterra e a crise do escravismo”; d) “A escravização no Brasil”; e) “Democracia racial/Democracia do cão”; f) “Resistência e luta dos escravos”); VI Encontro Organizado por Entidades Negras do Norte e Nordeste; “Mulheres Negras no Brasil”.

Considerações Finais

As ciências humanas progridem com o auxílio das fontes primárias e secundárias. Estas participam do trabalho de lapidação de conceitos — atividade que Renato Ortiz¹² considera tarefa primordial do fazer intelectual. A pesquisa envolve o tratamento adequado dos conteúdos levantados com os quais o cientista realiza boa parte de seu ofício: identificação de registros, organização de indícios, interpretação de fatos e análise de dados. Parto do princípio de que as fontes primárias são compostas por documentos que não foram ainda devidamente estudados por um pesquisador e, por isso, suscetíveis a abordagens pouco exploradas sobre o tema pesquisado. As fontes secundárias, por sua vez, são constituídas por documentos interpretados e, assim, contêm uma relativa carga da subjetividade de quem realizou o trabalho de crítica documental.

A minha intenção ao analisar um conjunto de documentos não foi simplesmente revelar o passado de uma personagem da história da intelectualidade do país e relacioná-lo à trajetória dos aspectos relevantes do campo intelectual brasileiro, uma vez que a crítica do documento não é o procedimento de validação de um suposto passado, mas a procura de unidades, conjuntos, séries e relações daquilo que foi escrito ou dito. A análise das fontes busca na facticidade a garantia daquilo que se sabe e se ignora em termos do conhecimento sobre o estado das coisas. É nessa busca pela objetividade da fundamentação que a diferença entre conhecimento científico (trajetória ou história de vida) e não científico (biografia) é demarcada. Portanto, procurei demonstrar as regras identificadas na verificação das positivities — textos literários, filosóficos, políticos ou práticas discursivas — para entender a formação de objetos, conceitos e séries de enunciados dos quais emergem as condições favoráveis para um discurso original de nação. Em outras palavras, fazer surgir das fontes o encadeamento compreensível da prática dos agentes e dos sistemas abrangentes para essa conduta.

A partir das possibilidades em que os enunciados são tomados como acontecimentos singulares, procurei demonstrar, por meio da materialidade dos documentos inventariados, quais seriam as condições de sua existência. O acontecimento enunciativo — um discurso original — possibilita suspender supostas unidades naturais em nome das que podem ser constituídas por outras formas de regularidade. Dessa forma, a elaboração de um inventário ajudou a demonstrar que a relação entre os enunciados de um discurso não depende exclusivamente do que foi proferido pelo sujeito enunciativo, mas pelo que foi enunciado por outras autorias e acontecimentos de ordem totalmente diferente (técnica, econômica, social, política). Assim, os enunciados não se encontram isolados daquilo que lhes dão legitimidade e nem apartados das regras que permitem a sua referência direta a uma condição de verdade. É a partir da justificativa sistemática e institucionalizada que os atos discursivos assumem o *status* de verdade em um determinado contexto. Isso implica dizer que os procedimentos de validação tornam os atos do cotidiano manifestações da verdade — como ocorre com as comunidades de especialistas.

Notas

¹ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber* (Trad. Luiz Felipe Baeta Neves). Rio de Janeiro: Forense, 3^a ed., 1987.

² Para Foucault (1987), se refere às condições de realidade dos enunciados. Através da positividade podemos perceber se dois ou mais pensadores desenvolvem o mesmo campo conceitual.

³ GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 1998.

⁴ ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

⁵ RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado - Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica* (Trad. Asta-Rose Alcaide e Estevão de Rezende Martins). Brasília: Ed. da UNB, 2007.

⁶ FOUCAULT, Op. cit., p. 151.

⁷ Idem, p. 148.

⁸ Lista de siglas usadas no tópico: CEAA - Centro de Estudos Afro-Asiáticos; FESPAC - Festival Panafricain des Arts et Cultures; FGV - Fundação Getúlio Vargas; GTAR - Grupo de Trabalho André Rebouças; IBEEA - Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos; IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; IPCN - Instituto de Pesquisas das Culturas Negras; IPEAFRO - Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros; MNU - Movimento Negro Unificado; OAB - Ordem dos Advogados do Brasil; PUC - Pontifícia Universidade Católica; RPA - República Popular de Angola; SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; SECNEB - Sociedade de Estudos da Cultura Negra; SEDEPRON - Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras; SINBA - Sociedade de Intercâmbio Brasil-África; TEM - Teatro Experimental Negro; UFAL - Universidade Federal de Alagoas; UFBA - Universidade Federal da Bahia; UFF - Universidade Federal Fluminense; UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro; UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura; USP - Universidade de São Paulo.

⁹ Segundo Rafael Petry Trapp, Beatriz Nascimento, Eduardo de Oliveira e Oliveira e Clóvis Moura organizaram o simpósio “Brasil Negro”, na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada na PUC-SP, em 1977. Ver: TRAPP, Rafael Petry. “Intelectuais negros no Brasil: notas sobre Eduardo de Oliveira e Oliveira (1960-1980)”. In: 7^o Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2015, Curitiba. *Anais do 7^o Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: Editora UFPR-CCHLA, 2015, vol. 7, p. 1-16.

¹⁰ Eduardo de Oliveira e Oliveira foi um ativista negro, músico, teatrólogo, publicitário, professor e, sobretudo, sociólogo. Em meados dos anos 1950 mudou-se para a cidade de São Paulo, onde se radicou. O sociólogo nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1924.

¹¹ Carlos Alberto Oliveira foi autor da Lei nº 7437/85, que torna contravenção, punida nos termos desta lei, a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil.

¹² ORTIZ, Renato. *Ciências sociais e trabalho intelectual*. São Paulo: Olho D’água, 2002.